

O DESVELAR DAS DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS: VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DA MULHER NO CLIMATÉRIO*

Patrícia Lopes Salzedas¹; Maria Alves de Toledo Bruns²

DISCLOSURE OF THE DIFFERENCES BETWEEN GENDERS: AFFECTIVE-SEXUAL EXPERIENCES OF THE WOMAN IN THE CLIMACTERIC

Resumo: Partimos das relações de gênero, e a maneira como se estabelecem, para analisar as percepções de mulheres no climatério sobre a vivência da sexualidade. Utilizamos a metodologia qualitativa fenomenológica, sob a perspectiva teórica de Martin Heidegger, para a compreensão do fenômeno estudado. Os sofrimentos femininos, velados e revelados, mostram uma história de construção da identidade da mulher no mundo contemporâneo. Esta identidade desconstrói a imagem da ‘mocinha dos contos de fada’ para dar voz aos desejos e desilusões frente ao contato com a própria realidade. Anula-se pelos filhos, pela dupla jornada de trabalho, o que de fato parece conter seu contato com a temporalidade. Remete-nos, ainda, ao fato de que a história feminina é escrita em co-autoria com os homens. Percebemos, enfim, a necessidade de se exercitar a empatia, observando as necessidades do(a) parceiro(a), como co-responsáveis pelas situações vivenciadas, sendo este um caminho para tornar viável o diálogo autêntico tão desejado.

* Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado “*Sexualidade feminina: a temporalidade e a singularidade da mulher no climatério*” de Patrícia Lopes Salzedas, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Alves de Toledo Bruns. Esta Dissertação de Mestrado foi defendida em dezembro de 2001 na FFCLRP – USP. Foi apresentado em sessão de mesa redonda na 2ª Jornada CEPcoS de Sexualidade Humana, em novembro de 2006.

¹ Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Psicóloga do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. e-mail: psalzedas@hcrp.fmrp.usp.br

² Doutora em Psicologia Educacional pela UNICAMP. Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Depto. de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP e líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade & Vida/ USP. e-mail: toledobrun@uol.com.br

Palavras-chave: Sexualidade; climatério; relações de gênero

Abstract: We begin with the gender relations, and the way they establish, to analyze the female perceptions about the experience of the sexuality during climacteric. We use the qualitative methodology phenomenological, under the Martin Heidegger theoretical perspective, for the understanding of the studied phenomenon. The feminine, guarded and disclosed sufferings show a history of identity construction of the woman in the contemporary world. This identity breaks down the image of the fairy-tale princess to give voice to the desires and disillusion the contact with the proper reality. She is annulled for the children, by the double hours of working, in fact it seems to contain her contact with the temporality. It leads to us, still, to the fact that feminine history is written in co-authorship with men. We perceive, at last, the necessity of exercising the empathy, observing the partner's necessities, as co-responsible for the lived situations, being this a way to become viable the so desired authentic dialogue.

Keywords: Sexuality; climacteric; gender relations

Introdução

A construção dos papéis sociais de homens e mulheres no decorrer do processo histórico: a temporalidade do ser

Para compreender o fenômeno a que nos propusemos, “sexualidade no climatério”, necessitamos fazer um passeio pela literatura científica e verificar o que ela nos mostra sobre como se estabelecem as relações entre gêneros. Em primeiro lugar Eisler (1989; 1996) refere que nossos ancestrais da Era Paleolítica (por volta de 18.000 a.C.) eram tipicamente vegetarianos e as coletas de alimentos realizadas pelas mulheres, correspondendo a 70% da dieta, já que os homens ficavam encarregados da caça, o que culminava muito mais em fracasso do que em sucesso. Nessa época, a mulher gozava de prestígio econômico e poder político. Na Era citada, existiam estruturas sociais de parceria, a mulher possuía um lugar de destaque pelo poder de gerar a vida, sendo venerada e respeitada por isso, uma vez que dela dependia a continuidade da espécie e a manutenção da prole além da sobrevivência do grupo. A vida sexual era vinculada à vida espiritual. O fato da mulher ser sacralizada e respeitada por sua posição econômica e religiosa não significava que os homens fossem oprimidos e dominados.

A transformação dos modelos familiares de matrilineares em patrilineares ocorreu em função de uma mudança na pré-história denominada de *Última Crise Neolítica*, quando houve grande migração da população do Oriente para a Europa introduzindo sua língua e suas maneiras de estruturar as relações sociais e sexuais (EISLER, 1996). Por essa perspectiva, a dominação, a escravidão de homens considerados fracos e, especialmente de mulheres, não se deu sem repressão, inclusive a repressão sexual. Esse momento histórico coincide com o reconhecimento da paternidade, com a proibição do incesto e a instauração do patriarcado. A repressão sexual, o casamento monogâmico e a idéia da vivência sexual como pecado passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Quando se pensa em “ser mulher”, em feminilidade, logo se imagina a vivência da maternidade:

A construção da feminilidade como maternagem e maternidade, e a sua associação a comportamentos dóceis e assexuados começou a se delinear no século XVIII como subproduto significativo do discurso médico e tomou forma, em especial no século XIX, quando, em função das altas taxas de mortalidade infantil, era importante que as mulheres tivessem muitos filhos e pudessem se dedicar exclusivamente a eles (VILLELA, 1998, p.66),

253

criando, deste modo, o mito do amor materno. Antes disso (séculos XIII ao XVII), a criança tinha pouca importância na família, e, na França, por exemplo, era entregue aos cuidados de amas de leite que dela cuidavam até por volta dos sete anos. Muitas crianças morriam nesse período devido ao descaso das amas para com elas.

Segundo BADINTER (1985) o amor materno não é inato, mas construído com os cuidados dedicados ao filho, além disso, não é uma regra, pois nele intervém diversos fatores, entre os quais, a história da mulher, não sendo, assim, uma conduta universal e necessária para todas as mulheres.

No início do século XX, a psicanálise coloca a mãe como o centro da família e, até atribui a ela a causa primeira do equilíbrio do filho, promovendo, com isso, ainda mais as diferenças dos papéis parentais, colocando a mãe como símbolo de amor e de ternura e o pai como símbolo de autoridade e da lei. No entanto, na segunda metade do século XX surge um novo discurso feminino que tornou obsoleta a teoria da mãe naturalmente devotada, nascida para o sacrifício. Apesar de permanecer a principal fonte de amor para o filho, esta mãe mostra vários sinais de que deseja compartilhar com seu companheiro o amor e o sacrifício pelo filho. Além disso, as mulheres estão mais sensíveis para a dualidade do papel de mãe e de profissional, e

mesmo permanecendo mais próximas de seus filhos do que as de séculos atrás, isso não significa que a maternidade seja sempre a primeira e instintiva preocupação da mulher. Atualmente, o fato das mulheres recusarem sacrificar suas próprias ambições e desejos pelo filho não as torna anormal nem sua conduta patológica. Com isso, apesar de ser forte a raiz do amor materno entre as mulheres, muitas já começam a interiorizar que a maternidade é uma vivência que não deve ser forçada, imposta para mulheres que não a desejam. Além do que, as mulheres do século XXI começam a exigir do homem que este partilhe com elas dos encargos e responsabilidades de se ter um filho, ou ao contrário, optam por uma produção independente sem a necessidade da presença paterna na educação da criança.

Em contrapartida à vivência da maternidade, “a infertilidade, historicamente, sempre veio acompanhada de atitudes de depreciação, acusação e repúdio, principalmente à mulher (MALDONADO, 1997, p. 31).” No decorrer da história, a esterilidade da mulher sempre foi muito mais falada e estudada do que a do homem, e, à mulher se atribuía a responsabilidade da fecundidade e a culpa da infertilidade, a tal ponto que em algumas culturas, tornou-se legítimo que o marido repudiasse a mulher que não conseguisse lhe dar filhos. Em outros contextos, ainda nos dias de hoje, desvaloriza-se a mulher que não consegue dar à família um varão, numa clara negação do fato de que é o homem que, cromossomicamente, determina o sexo da criança.

Aspecto relevante da vivência feminina é o vínculo conjugal que, conforme descreve Foucault, constitui-se em:

encontro indispensável do macho e da fêmea para a procriação; a necessidade de prolongar essa conjunção numa ligação estável para assegurar a educação da progenitura; o conjunto das ajudas, comodidades e prazeres que a vida a dois, com seus serviços e suas obrigações pode proporcionar; e finalmente, a formação da família como elemento de base para a cidade (FOUCAULT, 1985, p.153).

O desejo de união advém tanto em função da vivência sexual quanto por uma demanda da vida em comunidade, uma necessidade de compartilhar responsabilidades, caracterizando o ser humano ao mesmo tempo como conjugal e social.

McDougall afirma que a definição do que é ‘feminino’ e ‘masculino’ muda de uma cultura para outra, bem como de uma época para outra, e dentro da cultura ocidental:

quando o ambiente familiar tiver desempenhado um papel facilitador na aquisição por parte da filha, da identidade sexual feminina, bem como no prazer em desfrutar essa identidade, os processos de luto envolvidos na integração dos desejos bissexuais e edípicos provavelmente terão sido realizados. O discurso social acrescenta que essa orientação tende a estar associada ao desejo de encontrar relacionamentos amorosos gratificantes e, finalmente, de ter filhos com o homem escolhido. (MCDUGALL 1997, p.35)

Assim, o tratamento que McDougall dá à questão da feminilidade e, para a vivência da sexualidade pela mulher, implica num avanço, na medida em que se abre a possibilidade do sexo feminino sair da situação de ser oprimido para poder escolher o parceiro e não mais delegar ao outro este papel.

De acordo com PITELLI (1997) no Império Romano, a expectativa de vida das mulheres rondava os 25 anos. No início do século XX, nos Estados Unidos, era de 51,1 para as mulheres brancas e de 35,7 para as negras. Na década de 60, essa estimativa já alcançava 74,2 anos para as mulheres da raça branca e 66,5 anos para as negras. Na década de 90 a expectativa de vida nos países desenvolvidos quase atingia os 80 anos, enquanto que no Brasil alcançava os 66 anos. Assim, observa-se que hoje, a mulher, em média, vive um terço de sua existência no período pós-menopáusico.

255

O climatério é o período de transição entre o final da vida reprodutiva plena e o início da senectude. É dividido, segundo PITELLI (1997), em período pré e pós-menopáusico. Trata-se de um fenômeno biopsicossocial, ou seja, que sofre influências de fatores psicológicos e sócio-culturais, inclusive no que diz respeito à expressão da sexualidade. TRIEN (1991) refere que a mulher na menopausa perde a capacidade reprodutiva, sem perder sua sexualidade e, por conseguinte pode estar mais liberada para o sexo sem o receio de uma nova gestação.

Em se tratando da questão do desejo sexual, este aparece, atualmente, permeado de tabus, entre os quais a mulher idosa não seria capaz de desenvolver sua capacidade sexual. Devemos lembrar que o amor ocupa um espaço significativo na vida da mulher e, daí decorre a necessidade de se respeitar a vivência do amor e da sexualidade feminina, presentes na idade avançada. Favarato, Aldrighi, Fráguas Junior, Pires, Lima (2000) destacam que a sexualidade no climatério é influenciada por diversos fatores psicossociais, entre os quais, o relacionamento com o parceiro, experiências da vida sexual, além de influências sociais e culturais.

Lembremos que o decréscimo de estrogênio pode acarretar alterações a curto, médio e longo prazo. Ondas de calor, sudorese, calafrios, e sinto-

mas na área genital, destacando a dispareunia, podem compor a síndrome climatérica.

Grio, Cellura, Porpiglia, Gerânio & Piacentino (1999) referem que os efeitos nocivos da deficiência de estrógeno no organismo feminino na menopausa são responsáveis pela redução da libido, redução da lubrificação vaginal e alterações importantes na função afetivo-sexual, e como resultado afirmam que o uso de reposição hormonal adequada pode, efetivamente, modificar os sintomas advindos da menopausa, melhorando a qualidade de vida e a função sexual. Gonçalves refere que:

o lugar, por vezes, forçosamente, ocupado pela mulher nos meios de produção e na família, embora ainda condicionado pelo jogo do poder socioeconômico e político, pela desigualdade de gênero e pelos seus próprios valores, coloca-a em uma condição mais propícia para assumir-se e buscar pela qualidade de vida. (GONÇALVES, 2005, p. 138)

Quanto à sexualidade, vale ressaltar que a capacidade do ser humano de utilizar o pensamento e a abstração possibilita que a vivência da sexualidade ultrapasse os limites do instinto e ganhe significados peculiares atribuídos a ela por intermédio da própria vivência humana e sua criatividade inerente. Frente às possibilidades diversas da vivência da sexualidade, de que maneiras ocorrem nos dias de hoje a troca afetiva e sexual entre os gêneros?

Metodologia

Para a compreensão do fenômeno indagado, realizamos entrevistas individuais com cinco mulheres com idade entre 46 e 54 anos atendidas em Ambulatório de Ginecologia em um hospital do interior paulista. As entrevistadas foram escolhidas por estarem vivenciando o climatério e estarem em acompanhamento médico em decorrência de alterações orgânicas ocorridas nessa fase da vida. Antes da realização das entrevistas, as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido concordando com a participação no presente estudo.

Utilizamos as etapas sugeridas por Martins & Bicudo (1989) para nos orientar na análise fenomenológica. Esta se constitui de três momentos: a Descrição, a Redução Fenomenológica e a Compreensão Fenomenológica.

Após a leitura global de todos os depoimentos, procuramos captar o modo como cada uma vivencia o climatério. Detectamos as unidades de significado, ou seja, os trechos da descrição essenciais em significação. Partindo-

se das unidades de significado, transformamos o discurso espontâneo das entrevistadas em categorias de significados, convergente, ou divergente do geral.

A compreensão dos discursos das entrevistadas nesta pesquisa se deu sob a luz das idéias do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Heidegger entende o fenômeno como sendo a palavra de origem grega que deriva do verbo mostrar-se, e significa aquilo que se mostra, o manifesto. “Descrever o fenômeno, o ser dado nas vivências, consiste em explicitar o sentido que nelas se encobre” (HEIDEGGER, apud NUNES, 1986, p. 60).

O filósofo alemão parte da questão fundamental, sobre o sentido do Ser, e pela analítica do *Dasein*, o Ser-aí, designa o ser do homem concreto, que é colocado em suspensão por Heidegger. O filósofo leva em conta o Ser inserido no mundo, o **ser-no-mundo**, e chama de **mundanidade** este ‘lugar’, como conceito ontológico, na medida em que significa a estrutura de um momento constitutivo do ser no mundo. Em *Ser e Tempo* (1927/1988), Heidegger se impõe à tarefa de recolocar a questão do ‘sentido do ser’, que para ele foi esquecida pela metafísica tradicional. Heidegger denomina a forma como o ser humano se relaciona com utensílios e entes dividida em duas categorias, ou seja, os modos de existir humano: a **autenticidade** e a **inautenticidade**. A inautenticidade aliena o Ser-aí da existência dentro das dimensões de temporalidade e historicidade. Manifesta-se no ‘palavrório’, ou tagarelice, na qual o Ser-aí não consegue mais distinguir o que sabe e o que ignora, pois não assume a existência e a deixa controlar pelo impessoal, pela superficialidade. Quando o Ser-aí se retira da categoria impessoal em favor da possibilidade de um projeto por parte do mais autêntico ‘eu’, constitui-se em disposição para a **angústia** que se perfaz no silêncio do Ser-aí, que se assume como um **ser-para-a-morte**, e, vivenciando a angústia que esta percepção traz consigo, o Ser-aí abre a possibilidade de aceitar seu destino e desempenhar com decisão e força seu papel no mundo. A fonte da angústia é o mundo como tal e o que a inspira é a própria possibilidade de ser-no-mundo em contrapartida com a perspectiva de finitude do ser. Para Heidegger, o ser humano é o ser-para-a-morte e, do mesmo modo que não tem como escapar de seu estado de lançado no mundo, nada o isenta de ser temporal.

Assim, a partir dos depoimentos das entrevistadas, pudemos apreender sentidos e significados atribuídos por elas à vivência do climatério na interface com as relações afetivo-sexuais. A seguir são apresentadas unidades de significado encontradas nos depoimentos. As participantes são designadas por nomes fictícios para preservar suas identidades.

Resultados e Discussão

A busca pela compreensão do fenômeno: Vivências afetivo-sexuais de mulheres no climatério.

A trajetória das relações afetivo-sexuais: da idealização à desilusão

“...no começo de namoro era muito legal, era muito bom, quando recém-casada, foi bom...”(Rosa). O começo do relacionamento a dois aparece idealizado pela idéia de que prevaleciam os aspectos positivos e de que os problemas que se mostravam poderiam ser resolvidos com o casamento. “*Eu me casei com 16 anos de idade...virgem, bonitinha, como mandava o figurino na época, casei com um homem 11 anos mais velho que eu, eu sabia que ele bebia, mas eu achava que ele bebia porque ele não tinha uma mulher do lado dele que cuidasse dele...*”(Dália)

Da idealização à desilusão acontece o “esfriamento” das relações afetivo-sexuais. *Faz dois anos que eu não tenho relação sexual com meu marido, nós discutimos muito, ele me magoou muito, então nós não temos...nós vivemos como amigos.*”(Rosa)

Os depoimentos mostram, ainda, mulheres que se identificavam como gatas borralheiras retiradas dos contos de fada. “*Eu me sentia feliz, só que eu não cuidava de mim, eu achava que eu tinha (que ficar no lar em atividades domésticas)...era uma gata borralheira...e prá ele (marido) tava ótimo*”(Rosa). As experiências no casamento vão transformando os sentimentos: “...com a bebida a gente vai deixando um pouquinho de gostar, aí só mantém o respeito...só” (Margarida).

As discussões e o sentimento de solidão revelam relacionamentos que vão gradativamente se construindo sobre o que Heidegger chama de inautenticidade. “*Ele me magoando, ele me deixando de lado, essa coisa, foi esfriando*”(Rosa). Esta realidade é percebida no momento presente, no climatério, e traz consigo a constatação: “*é...eu nunca tive um companheiro mesmo...ele nunca participou dos meus anseios, das minhas necessidades, das mi...do que eu esperava...eu assumi, assim, os três filhos sozinha...*”(Dália)

Os relatos expressam, também, o desejo de que o relacionamento a dois fosse diferente. “*Das conversas que eu tinha com ele, assim, que era só discussão, não podia ser discussão, podia ser conversa...com ele não tem conversa, ele discute muito, ele acha que só ele que é o certo...*”(Azaléia). Este distanciamento reflete-se em

uma vida sexual que vai deixando de ser compartilhada também. *“Meu relacionamento conjugal...faz dois anos que eu não tenho relação sexual com meu marido... quando ele me procurava tudo bem, eu (pausa)...fazia, como se fosse normal, mas eu não participava...e ele foi percebendo, daí acabou sem palavras, assim, uma coisa que até hoje não tem conversa, sobre isso não tem.”*(Rosa)

A comunicação entre o casal se transforma em discussão e agressão: *“ele é o tipo de homem que não podia contrariar ele em nada, tudo tinha que ser do jeito que ele queria senão ele agredia...”*(Azaléia). Ainda em outro trecho encontra-se: *“só aquelas agressões, ele me agrediu e eu tava grávida...uma vez que eu tava grávida do meu filho do meio (pausa) e ele deixou marcas na minha barriga, então é coisa assim, agressão, brigas.”*(Azaléia)

Os discursos demonstram a presença de valores vigentes em que homens desejariam manter-se no papel de provedores, reproduzindo o modelo patriarcal no estabelecimento dos relacionamentos. *“O homem não aceita a mulher do lado dele ganhando a mesma coisa que ele, ele se julga ainda um ser superior, eu não sei da onde foi tirado isso...”*(Dália). A vida profissional aparece como a possibilidade da mulher aprender, libertar-se desse modelo por intermédio da independência financeira e afetiva do parceiro, além de uma mudança na auto-estima. *“Ele (marido) fala até hoje que o que mudou eu foi a escola, que eu aprendi muita coisa lá, e não foi, foi ele próprio, ele não entende que foi ele próprio com as atitudes dele... com os pensamentos dele, as conversa dele, ele próprio que foi ensinando eu, ele que...fez com que eu crescesse.”*(Rosa)

Um relacionamento posterior a uma experiência conjugal permeada de frustrações aparece como uma possibilidade de vivenciar o relacionamento a dois de maneira mais autêntica e realista. *“Eu sinto que o casamento verdadeiro meu é esse, não o outro, aquele lá foi uma coisa que aconteceu errada, deu errado, o que sobrou de bom só foi meu filho, e não tem nada mais que eu possa dizer que foi bom...nada, nada”* (Hortênsia). Acrescente-se a isso a compreensão de que no relacionamento a dois ambos têm responsabilidades pelo que é construído no cotidiano, não havendo, simplesmente, um algoz e uma vítima. *“Ele tem um gênio forte, tem que ter paciência, mas eu achava assim, que era só ele o culpado, e muitas coisas aconteciam porque eu provocava, eu achava que não era eu, agora eu enxergo.”* (Hortênsia)

No discurso das entrevistadas aparecem as expectativas de como deveria ser o parceiro ideal, é na falta que ele surge. *“A única falta mesmo é o companheiro, na realidade, é o homem, sem ser sapo, sem ser príncipe, somente o homem...que*

ele... deixasse o sapo dele no brejo, que ele quisesse e viesse como homem, um ser humano que é...sem arrogância, sem petulância, sem inferioridade, sem insegurança...”(Dália)

Aparece também, a valorização do aspecto afetivo, anterior à vivência sexual. *“Eu sou um tipo de uma pessoa que eu prefiro mil vezes um carinho do que um ato sexual completo, em primeiro lugar eu prefiro carinho num relacionamento, uma conversa, um bate-papo assim, uma troca de carinho, prefiro mil vezes...”(Rosa)*. A partir da correspondência afetiva do parceiro surge espaço e disponibilidade para a experiência sexual: *“Se ele conversar comigo primeiro, expor os sentimentos dele, que ele gosta de mim, at...assim, se ele conversar comigo e eu me sentir bem com a conversa dele, pode ser até que role...”(Rosa)*

São os ressentimentos acumulados que parecem manter essa mulher (bela) adormecida. *“Ele me magoou, aí daquele dia em diante eu me afastei...acho que deve existir alguma coisa, alguma coisa que tá morto, não tá morto, tá adormecido, pode ser que...se acontecer de despertar...”(Rosa)*

Nos depoimentos encontramos, ainda, o desejo de que o papel de parceira sexual não seja tomado como o papel de mãe e cuidadora: *“...mãe eu já sou, eu já tenho meus filhos prá cuidar, e já cuidei dos meus filhos, eu não quero cuidar de um homem como um filho, eu quero só viver uma vida do lado dele. É isso que eles não entendem. Então eu não quero ser mãe de ninguém, isso eu já sou...eu trabalhei, lutei, criei meus filhos, hoje eu estou vivendo um momento de glória, missão cumprida com os meus filhos...”(Dália)*.

Conclusões

Em relação às experiências afetivo-sexuais, as entrevistadas se deslocam da idealização à desilusão de suas expectativas, e por vezes são capazes de vislumbrar o que seria o equilíbrio, mas continuam atribuindo ao outro o motivo de seus infortúnios. O diálogo e o carinho são sempre anteriores à vivência sexual compartilhada prazerosa, de acordo com as informantes deste trabalho.

O encontro consigo mesma nesse momento da vida, seja pelo distanciamento do marido, seja pela constatação de que os filhos estão criados, traz a lembrança de vivências de mágoas e ressentimentos guardados. A vivência da angústia do vivido e do que há por vir, Heidegger coloca como fator essencial para que a inautenticidade, ou seja, não viver como si mesmo,

mas como os outros vivem, possa ser repensada e substituída por uma vivência mais autêntica da realidade. Somente a angústia possibilita um vivenciar mais autêntico na relação com o outro, além de possibilitar uma responsabilização maior pela própria vida e seu destino, saindo do uso da linguagem alienada para o discurso cuja referência principal seja si mesma.

Por intermédio da angústia, o humano se volta ao seu “si-mesmo” e toma contato com a sua finitude. Esse movimento possibilita uma tomada de consciência que muitas vezes garante ao ser uma visão global de sua existência. Nesse movimento reflexivo poderá atribuir outros significados ao seu modo de ser e vir a experienciar uma vida demarcada pela autenticidade, que se caracteriza por se perceber co-responsável pela sua possibilidade de existir com os outros. As queixas desveladas nos discursos de nossas entrevistadas nos possibilitam perceber que o climatério desencadeou um repensar sobre a existência.

O climatério pode situar-se, muitas vezes, nesse momento de reflexão, em que o repensar sobre os relacionamentos afetivo-sexuais traz consigo as idealizações do passado, a realidade do presente e o desejo por um futuro no qual haja espaço para a troca afetiva e o diálogo autêntico.

É na temporalidade do climatério que essas entrevistadas se encontram e, sendo contemporâneas têm como variáveis e modelos de conduta como mulheres, mães e profissionais, determinadas expectativas que as aproximam. A vivência desses papéis aparece relacionada com o outro, com a satisfação do outro em primeiro lugar. Com relação à vivência da maternidade, a percepção de que os filhos cresceram e sua “missão” foi cumprida é experimentada. No climatério, os filhos cresceram e o marido já não pode ser visto como o príncipe encantado idealizado, pois ele já decepcionou e frustrou expectativas altas demais. Assim, não mais é possível negar a realidade vivida permeada pelo existir inautêntico. A superficialidade no casamento faz parte de uma existência que se deixa controlar pela impessoalidade dos relacionamentos e, alienada, manifesta sua insatisfação em forma de um discurso de sofrimento, projetando no futuro a resolução de problemas e a tão aguardada felicidade.

Por intermédio dos discursos dessas mulheres, pudemos refletir sobre a diferença entre os gêneros, diferenças estas que traduzem a complementaridade dos papéis na relação a dois. Dessa perspectiva, as atitudes do casal somente se modificarão quando ambos se dispuserem a isso. Assim, o que parecem diferenças, na verdade, são papéis que se complementam, e revelam

construções culturais do papel da mulher e do homem. Rever esses papéis, com vista a torná-los mais flexíveis, revendo e refletindo acerca dos significados que cada um atribui ao projeto amoroso, é o que pode viabilizar a vivência a dois. O sonho em busca da alma gêmea originada pelo mito do amor romântico no século XVIII, o qual se atribui a realização amorosa na idealização do outro, impossibilita o contato com conflitos e crises inerentes ao processo da convivência diária, bem como não permite que a mulher se enxergue como co-responsável pela dinâmica da relação a dois. Esse modo de ser desvela que o ethos do mito do amor romântico com sua promessa fraudulenta de felicidade eterna vem dificultando às parceiras se assumirem enquanto responsáveis pelos dissabores e alegrias da vida a dois. Sendo assim, o encontro tão almejado de um parceiro ideal expresso pelas entrevistadas no desejo de encontrar um companheiro que se encaixe em suas expectativas, desvela as ressonâncias do mito, do modelo patriarcal, que as impediram até hoje de se perceberem enquanto mulheres capazes de assumirem as vicissitudes inerentes entre os gêneros.

Sendo assim, há que se olhar para valores culturais e morais introjetados durante séculos por homens e mulheres para que se possam atribuir novos significados para a relação a dois nos dias de hoje. Além disso, exercitar a empatia na relação conjugal, responsabilizando-se pelas situações vivenciadas em comum, pode ser um caminho possível para o estabelecimento do diálogo autêntico.

Referências bibliográficas

- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- EISLER, R. **O cálice e a espada**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. **O prazer sagrado – sexo, mito e política do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FAVARATO, M.E.C.S.; ALDRIGHI, J.M.; FRÁGUAS JUNIOR, R.; PIRES, A.L.R.; LIMA, S.M.R.R. Sexualidade e climatério: influência de fatores biológicos, psicológicos e sócio-culturais. **Reprod Clim** 15 (4): 199-202, 2000.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade humana III – o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- GONÇALVES, R. **Vivenciando o climatério: o corpo em seu percurso existencial à luz da fenomenologia**. Tese (Doutorado). São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2005.

- GRILO, R.; CELLURA, A.; PORPIGLIA, M.; GERANIO, R. & PIACENTINO, R. Sexuality in Menopause – importance of adequate replacement therapy. *Minerva-Ginecol.*, 51(3): 59-62, 1999.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MALDONADO, M.T.P. *Os Caminhos do Coração – Pais e Filhos Adotivos*. 3ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1997.
- MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia-fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes/EDUC (Editora da PUC-SP), 1989.
- MCDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros – uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NUNES, B. *Passagem para o poético* (filosofia e poesia em Heidegger). São Paulo: Editora Ática, 1986.
- PITELLI, J.B. Sexualidade no climatério: influências psicológicas e socio-culturais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. v.8, n. 2, p. 238-253. São Paulo: Iglu Editora, 1997.
- TRIEN, S. F. *Menopausa: a grande transformação*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- VILLELA, W.V. Práticas de Saúde, Gênero e Prevenção de HIV/ Aids. In: *II Seminário – Saúde Reprodutiva em Tempos de Aids*. ABIA – Programa de Estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde – IMS/UERJ, p. 66-72, 1998.